Xavantes semeiam a restauração do cerrado

Continuação da pág. 1

DIAS MELHORES

Dado Galdieri e Daniel Grossman

ALDEIA RIPÁ (MT) E BOSTON Em uma manhã abafada de dezembro passado, oito mulheres e seu cacique deixaram a aldeia indígena xavante Ripá, na Terra Indígena Pimentel Barbosa, a bordo de um caminhão. Depois de alguns quilômetros, ao fim da estrada, começaram uma caminhada em fila indiana por trilhas escondidas abaixo da grama que lhes chegava ao joelho.

A sombra, pouca, vinha das árvores finas, baixas e retorcidas. "É o amor que sentimos pelas plantas, por seus frutos e sementes que nos faz caminhar sob o sol sem reclamar", afirma Neusa Rehim'Watsïõ Xavante, filha do cacique.

A maioria dos cerca de 20 mil xavantes vive no cerrado em Mato Grosso, um mosaico de conservação e desmatamento, que cobre 40% do estado. Apesar de mais seco e menos denso do que a floresta amazônica, conta com fauna e flora exuberantes e únicas.

Por isso, biólogos costumam chamá-la de a savana mais biodiversa do mundo e estimam que 5% das espécies de plantas e animais do planeta vivam nesse bioma.

Nas últimas décadas, porém, aproximadamente 12% do cerrado em Mato Grosso passou a dar lugar a pastagens e monocultura de grãos.

Há sete anos, membros da aldeia Ripá trabalham para restaurar parte da vegetação do cerrado. O objetivo é proteger seu território e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade de vida dos moradores, vendendo sementes coletadas na região.

Desde que tem memória, o povo xavante faz viagens frequentes para a coleta de sementes. Elas são conhecidas como "dzomoris". Essas expedições, durante as quais homens caçam e mulheres colhem frutas e raízes, são parte de seu calendário cultural.

Na aldeia Ripá, muitas vezes as mulheres acompanhadas de guias masculinos, que conhecem melhor a geografia pela sua relação com a caça, fazem essas viagens especificamente para coletar sementes.

"Com estas sementes, vamos reflorestar", afirma o cacique José Serenhomo Sumené Xavante. Ironicamente, os compradores das sementes muitas vezes são os mesmos indivíduos e empresas responsáveis por projetos que causam desmatamento e levam à necessidade de replantio.

Um dia após a expedição de coleta, o cacique levantou cedo para pintar seu corpo com tinta de guerra vermelha e preta. Aplicou a mistura de urucum e cinzas de raízes nas costas, no peito e no cabelo.

Sob um céu nublado, na clareira onde as crianças da aldeia costumam jogar futebol, seus guerreiros mais saudáveis, também pintados, se reuniram ao redor dele, cantando e golpeando a terra batida com suas bordunas e arcos.

O chefe fez então um discurso curto e eloquente, dizendo que já era chegada a hora de expulsar os forasteiros que haviam cavado uma mina de cal no limite sul de sua reserva. Imitando um pássaro, ele chamou os homens com gritos curtos e agudos, e eles se amontoaram na traseira da velha caminhonete da aldeia.

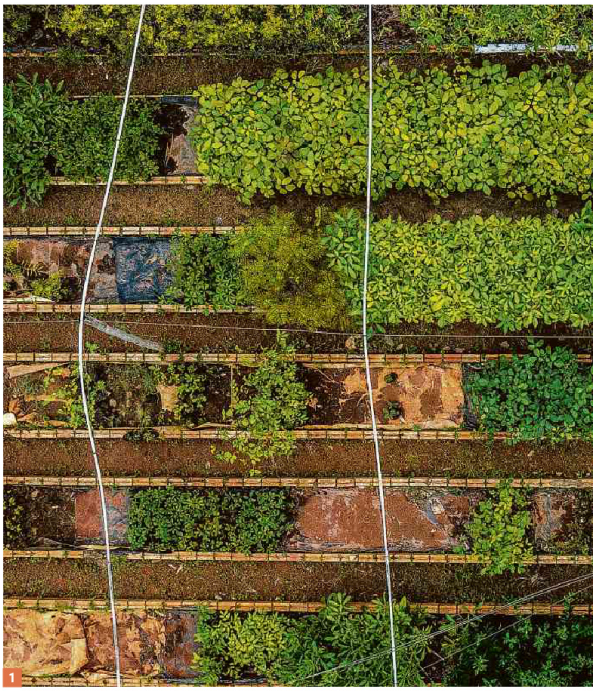
Poucas horas depois, os guerreiros estavam cara a cara com o mineiro e sua família. Ele exibiu documentos que sua esposa trouxe às pressas. Afirmou que mostravam que a mina não estava em território indígena. Os indígenas, tentando decifrar os papéis, falavam entre si em xavante, o que irritou o garimpeiro.

Os ânimos se alteraram e os indígenas continuaram insistindo em saber quem autorizou a operação. O homem disse que um outro chefe xavante havia dado permissão.

Os líderes indígenas não têm autoridade para permitir que pessoas de fora desmatem e usem a terra ou seus recursos minerais. Mas, na prática isso acontece, e o cacique José Sumené está ciente. Não havia mais nada a fazer. Ele e seus guerreiros voltaram para o caminhão e foram embora.

A maior parte das áreas desmatadas do cerrado são, porém, terras privadas, fora dos limites das reservas. O agronegócio ocupa áreas com monoculturas industrializadas de soja, milho e algodão. No governo Jair Bolsonaro (PL), esse processo se acelerou.

Foi para ajudar a restaurar as florestas devastadas de Mato Grosso, mesmo que simbolicamente, que o cacique participou da expedição de coleta de sementes no dia anterior.


1

Essa expedição, aliás, teve um início assustador. Logo que as coletoras saíram do caminhão, uma cascavel bloqueou o caminho. As mulheres gritaram e a serpente deslizou rapidamente para atrás de uma árvore. O líder correu em seu encalço e a matou com golpes de borduna.

Como se nada houvesse acontecido, a expedição se reagrupou e continuou subindo a elevação suave em direção às encostas da serra do Roncador, formação rochosa sagrada para o povo xavante, de acordo com o cacique. Quanto mais perto das chapadas, mais altas e próximas as árvores crescem —e o ar abafado finalmente esfria.

Continua na pág. 7

2

3

1 Xavantes cuidam de estufa com mudas de plantas nativas 2 Indígenas são transportados em caçamba de caminhão para área de coleta das sementes 3 Coleta de frutas de murici nas proximidades da aldeia Ripá Fotos Dado Galdieri/Hilaea Media

Continuação da pág. 6

A expedição fez uma pausa em uma área pantanosa que cobre um pequeno vale entre chapadas. As mulheres se espalharam por um labirinto de riachos, colhendo punhados de buriti do chão encharcado, colocando-os nas cestas que teceram com a fibra das folhas da mesma palmeira —as palmeiras de buriti prosperam onde o solo está encharcado e costumam ser indicadores de seu bom funcionamento.

O povo xavante sabe que há mercado para essa fruta em outros lugares. Mas as mulheres da aldeia Ripá estavam também colhendo para consumo próprio, planejando vender as sementes depois.

O lucro com a venda de sementes, para toda a comunidade, é de cerca de R$ 6.000 por ano. Isso complementa sua renda com a venda de artesanato e subsídios governamentais que recebem, mas é insuficiente para manter o grupo em condições de proteger um território tão vasto.

No entanto, não é a renda a principal razão para esse trabalho, afirmam os xavantes: cada "dzomori" ajuda a curar a floresta danificada. "Os não indígenas estão destruindo o cerrado e não entendem a natureza", avalia Neusa.

Na jornada acompanhada pela reportagem, a procura deu resultados para além do buriti. Ao todo, cada mulher conseguiu coletar mais de dez quilos de frutos e sementes.

Uma mulher da equipe escalou a copa retorcida e atarracada de uma árvore de murici, sacudindo com força alguns galhos. A árvore vibrou, e uma chuva de frutas firmes e amarelas cobriu o chão.

Outras mulheres apanharam frutas pálidas caídas ao redor de um angelim.

As sementes recolhidas pelo povo da aldeia Ripá encontram mercado entre proprietários da região em razão das leis que preveem a manutenção da vegetação nativa.

Em Mato Grosso, entre 35% e 80% da floresta devem ser protegidos, embora a realidade seja que as fazendas muitas vezes reservem menos espaço do que deveriam.

Quando há desmate além do limite —e a sua fiscalização— os donos precisam replantar árvores nativas e podem, assim, recorrer às sementes.

Os moradores de Ripá e de outros 24 grupos indígenas em Mato Grosso vendem a coleta para uma rede que funciona como um intermediário. A chamada Rede de Sementes do Xingu é o maior fornecedor de sementes nativas do Brasil.

Em 2007, uma coalizão de indígenas e não indígenas a fundou como forma de reflorestar a orla do rio Xingu e a rede tem crescido desde então.

A rede não vende apenas sementes para agricultores e outros clientes —também se oferece para ajudar a plantá-las. Coletores dentro e fora dos territórios indígenas, até mesmo em áreas urbanas, contribuem para o estoque. Em seus 15 anos, a rede calcula ter vendido mais de 300 toneladas de 220 espécies de sementes, quase tudo apenas para Mato Grosso.

A área replantada é estimada em 74 km², quantidade que não chega nem perto, contudo, de equilibrar o que foi desmatado. Somente em 2021 a perda de vegetação foi 35 vezes maior (cerca de 2.600 km²) do que a replantada nos 15 anos da rede.

Depois que o cacique, sua filha e as outras mulheres voltaram para a aldeia, havia mais trabalho a fazer. Djanira Pe' Wee Xavante catou as frutas de murici que trouxe, escolhendo as melhores para comer e retirando caules e terra das outras, em um balde d'água.

Após descascar as frutas, colocou as sementes para secar. Os futuros compradores, assim como os indígenas fazem às vezes, utilizarão essas sementes misturadas a dezenas de outras espécies, numa técnica chamada muvuca.

Ela consiste em combinar as espécies de acordo com a sua capacidade de coexistência e lançar as sementes ao ar em direção a pequenas valas. A ideia é que assim, em uma década, o local consiga imitar a floresta nativa.

Bruna Ferreira, diretora da Rede de Sementes do Xingu, admite que a tarefa de recuperar o cerrado ante o desmatamento "às vezes parece desalentadora".

Ela pondera, no entanto, que as conquistas não devem ser julgadas só pela quantidade de terras restauradas com a dedicação dos envolvidos na rede. O esforço é "um trabalho de resistência, fortalecendo essas comunidades".

Os jornalistas Dado Galdieri e Daniel Grossman fizeram a reportagem com apoio do Pulitzer Center